

Apresentação

Andreas Hofbauer

Como citar: HOFBAUER, A. Apresentação. *In:* HOFBAUER, A. (org.) **Desafios da prática antropológica:** relatos, pesquisas e reflexões contemporâneas.

Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 5-8. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-142-3.p5-8>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

Nos dias 16 e 17 de setembro de 2009 ocorreu o 1º Seminário de Antropologia da Unesp, no campus de Marília, que buscou reunir os (as) antropólogos(as) atuantes nos diversos campi universitários da Unesp. A idéia era incentivar a discussão interna entre os profissionais de área com o objetivo de conferir mais visibilidade à antropologia na Unesp, uma vez que se tinha constatado – e esta era a avaliação dos organizadores – que o ensino e a pesquisa antropológicas não têm conseguido consolidar-se da mesma maneira que outras áreas vizinhas do conhecimento dentro da estrutura acadêmica da instituição.

Buscava-se, portanto, construir um diálogo a partir da apresentação de “relatos de pesquisa” que incluísse também uma troca de idéias a respeito das experiências de ensino nos diversos espaços da Unesp. Infelizmente, uma parcela não diminuta dos convidados não pôde comparecer ao evento. De qualquer forma, entendemos que este seminário constituiu um marco na trajetória da construção de uma prática antropológica na Unesp, uma vez que, pela primeira vez, profissionais desta área dedicaram-se, num evento acadêmico, especificamente a uma análise sobre a situação da antropologia nesta instituição. As atividades contemplaram também uma Seção de Comunicações em que os alunos puderam não apenas apresentar os seus trabalhos, mas também participar, juntamente com os professores, das reflexões sobre o passado, o presente e um possível futuro da antropologia unespiana.

Os textos que compõem esta coletânea refletem a diversidade dos trabalhos, tanto no que diz respeito a questões temáticas, quanto no que se refere às opções teóricas e metodológicas, que são desenvolvidas junto à Unesp. Alguns “relatos” apresentados pelos docentes referem-se a uma pesquisa bem delimitada, enquanto outras contribuições entrelaçam momentos de pesquisa e trajetória intelectual, e outros “relatos” ainda centram as suas avaliações nas condições adversas, nos foros acadêmicos, para a produção de conhecimento a partir de um olhar crítico-antropológico.

No seu ensaio “Impedimento ao pensar”, Lúcia Arrais Morales defronta-se com uma questão complexa que age diretamente sobre as atividades de ensino e de pesquisa, que ela denomina de “impedimentos naturalizados ao exercício do pensamento”. Morales desenvolve suas reflexões críticas a partir da constatação de que as universidades, tanto as públicas como as privadas, são parte de projetos políticos e de modelos de convivência humana. A inserção das universidades neste contexto mais amplo teria implicações diretas sobre a transmissão e produção de conhecimento e faria com que “ensaios do livre pensar sejam amplamente desestimulados”. Tendo como

referências fundamentais as idéias que Lévi-Strauss desenvolveu sobre o pensamento selvagem, de um lado, e as reflexões de Marx sobre o farisaísmo e o otimismo, de outro, Morales tece seu caminho argumentativo, buscando desvendar aquilo que restringe as potencialidades cognitivas dos jovens universitários.

Já Christina Rubim, em seu texto “De como um antropólogo se transforma em ‘índio’ - ou como fazer pesquisa na academia”, apresenta-nos um ensaio auto-reflexivo no qual procura argumentar que a experiência vivida explica opções teórico-metodológicas e vice-versa. Oferecendo ao leitor alguns insights em momentos-chave de sua biografia, Rubim mostra-nos como o “ser”, isto é, a vivência e prática pessoal, e o “fazer”, isto é, a reflexão e análise antropológica, estão necessariamente vinculados. Mostra também seus embates pessoais com questões como o objeto e o método de pesquisa. Revela, desta forma também, certas insatisfações em relação à ciência que, de acordo com a própria autora, é aquilo que a move intelectualmente e que estão por detrás da escolha de seu grande objeto de pesquisa.

Sérgio Domingues, por sua vez, reflete sobre a compatibilidade ou incompatibilidade entre pensamento (cultura) indígena e a produção de filmes. Na sua contribuição para esta coletânea, intitulada “Idéias para um projeto futuro sobre cinema indígena”, parte de reflexões filosóficas que relacionam a produção de filmes com a busca de uma objetivização desenvolvida, em primeiro lugar, pelo mundo ocidental. Ao comentar sua própria trajetória de pesquisa junto a diferentes comunidades indígenas, Domingues explica como a luta política levou alguns antropólogos e ativistas a investir na elaboração de projetos como o do “Vídeo nas Aldeias”. A análise de Domingues revela não somente que alguns grupos (xavante) demonstram maior interesse do que outros (krahô) pela comunicação via imagens, mas mostra também que, no caso de alguns representantes indígenas, o domínio da tecnologia cinematográfica que possibilita a criação de “documentos” impulsiona uma reflexão sobre a “sua cultura” e uma valorização dela.

No ensaio intitulado “Patrimônio, memória e território: festa de santo, identidade de negros”, Bernadete Castro analisa a importância social e cultural das festas de santo, principalmente, a de Nossa Senhora do Carmo, para uma comunidade negra num bairro situado na região metropolitana de São Paulo. Mostra como a história recente deste grupo está profundamente marcada pela expansão dos espaços urbanos e pela especulação imobiliária, que provocaram a perda da terra coletiva e como, ao mesmo tempo, a promoção periódica das festas religiosas ajuda-lhes a reforçar a unidade grupal ameaçada por diversas forças desagregadoras. Assim, o texto de Castro dá destaque para a relação entre espaço e produção cultural, quando avalia, por exemplo, que “os espaços das festas são espaços de produção e reprodução social do bairro”; e que as festas

religiosas podem ser entendidas como uma recuperação ritualizada das antigas posses de terra e como um momento de reafirmação do patrimônio cultural do grupo. Desta forma, a análise da autora chama também a atenção para a imbricação entre noções como memória, território, religiosidade e identidade.

O ensaio “Desafios em pesquisa antropológica: o trabalho de campo em terreiros de candomblé” permite ao (à) leitor(a) acompanhar Claude Lépine em duas das suas pesquisas sobre o mundo do candomblé, nas quais a autora faz reflexões detalhadas sobre os desafios que o (a) antropólogo(a) enfrenta durante a pesquisa de campo. A própria pesquisadora revela-nos que o fato de os estudos terem sido desenvolvidos em momentos e lugares diferentes refletiu-se também nas suas escolhas teórico-metodológicas e temáticas. Se, num primeiro momento, a preocupação teórica seguia, em boa medida, as premissas da antropologia estrutural lévi-straussiana, que servia a Lépine como o instrumental mais adequado para decodificar saberes fundamentais da mitologia do candomblé, como o do “sistema dos estereótipos da personalidade no candomblé queto”, num segundo momento, o interesse de Lépine volta-se para a compreensão de recentes reformulações ritualísticas – (re-)africanização – que a autora relaciona com disputas de poder dentro do mundo do candomblé, fato este que a leva a buscar nas reflexões de Bourdieu referências teóricas alternativas para a sua análise.

Finalmente, em “Diáspora cabo-verdiana: algumas considerações sobre identidade, violência e discriminação”, Andreas Hofbauer apresenta a sua experiência de pesquisa junto aos cabo-verdianos residentes em Lisboa, na qual procurou desenvolver uma perspectiva teórico-metodológica que permitisse abordar a questão da diferença simbólica e a da desigualdade (“discriminação”) de uma forma integrada. O objetivo da investigação consistiu, portanto, em avaliar de que maneira percepções de desigualdade / discriminação repercutem sobre processos identitários e vice-versa. Para isto, Hofbauer analisa e compara dois grupos que se revelaram como pólos extremos no que diz respeito à questão de investigação: uma velha elite cabo-verdiana que tinha ocupado cargos intermediários na administração colonial até a Revolução dos Cravos, quando resolveu refugiar-se em Lisboa; e os filhos de imigrantes laboriais cabo-verdianos, que já nasceram em Portugal e vivem nos “bairros degradados” na periferia da capital.

Esperamos que o panorama retratado neste livro sirva como um estímulo para intensificarmos a elaboração de projetos antropológicos dos mais variados tipos na nossa instituição. Que esta coletânea seja um primeiro volume de uma série de publicações gestadas por antropólogos, docentes e discentes, unespianos.

Andreas Hofbauer